



O impacto dos horários de trabalho das mães no relacionamento com os/as filhos/as: Perspetivas mútuas

Joana Lagarteira

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Joana Filipa Lopes Lagarteira

O impacto dos horários de trabalho das mães
no relacionamento com os/as filhos/as:
Perspetivas mútuas



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Joana Filipa Lopes Lagarteira

O impacto dos horários de trabalho das mães no
relacionamento com os/as filhos/as: Perspetivas
mútuas

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em
Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Maria Soares da Silva

outubro de 2022

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Braga, 17 de outubro de 2022

Joana Filipa Lopes Lagarteira

(Joana Filipa Lopes Lagarteira)

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Soares da Silva, pela partilha de conhecimentos, rigor e oportunidades de reflexão ao longo deste percurso. Obrigada por acreditar em mim e neste projeto, apesar de todas as dificuldades previstas, pois só com o seu apoio foi possível ultrapassá-las.

Aos meus colegas do grupo de investigação, em especial à Daniela, agradeço o espírito de partilha e entejuda durante estes dois anos.

A todas as pessoas que me apoiaram na divulgação do estudo ou que de alguma forma contribuíram para esta fase, pelo seu papel importantíssimo naquela que foi a etapa mais desafiante deste percurso.

À Júlia, Sara, Rita, Li e Ândria por todos os momentos partilhados e pelo apoio incondicional ao longo dos anos. Obrigada pela presença em todas as horas, por nunca me deixarem desistir, e por me ouvirem sempre com uma palavra amiga. Não teria conseguido terminar esta etapa sem vocês.

Por último e, principalmente, à minha família, por acreditarem em mim e por estarem presentes em todos os momentos da minha vida. Aos meus pais, pelas oportunidades dadas, pelos valores que me transmitiram, pela paciência e por todos os esforços que fizeram por mim. Sem vocês, não teria sido possível chegar até aqui. À minha irmã, pela calma e confiança transmitidas nos momentos mais difíceis e por toda a segurança que me proporciona.

A todos, muito obrigada!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Braga, 17 de outubro de 2022

Joana Filipa Lopes Lagarteira

(Joana Filipa Lopes Lagarteira)

O impacto dos horários de trabalho das mães no relacionamento com os/as filhos/as: Perspetivas
mútuas

Resumo

A literatura tem mostrado que o trabalho por turnos apresenta consequências negativas para a vida familiar dos/as trabalhadoras/as, nomeadamente ao nível do relacionamento com os/as filhos/as. Contudo, a investigação tem privilegiado a perspetiva dos/as trabalhadoras/as, sendo recomendada a inclusão da perspetiva de terceiros. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar o impacto dos horários de trabalho (horário em turnos rotativos *versus* horário normal) no relacionamento entre mães e respetivos/as filhos/as adolescentes, segundo a perspetiva de ambos. O estudo incluiu 140 participantes (70 mães: 35 trabalhadoras *diurnas* e 35 trabalhadoras *por turnos*; 35 filhos/as respetivos/as), que responderam a um questionário. Os resultados sugeriram que as trabalhadoras diurnas relatam maior satisfação com o envolvimento nas atividades diárias dos/as filhos/as do que as trabalhadoras por turnos. Adicionalmente, verificou-se que os/as filhos/as de trabalhadoras por turnos percecionam a comunicação com as suas mães como mais eficiente do que os/as filhos/as de trabalhadoras diurnas. Análises complementares indicaram ainda que, comparativamente às trabalhadoras diurnas e respetivos/as filhos/as, as trabalhadoras por turnos e os/as seus/suas filhos/as apontam mais frequentemente um contacto diário insuficiente e que outros horários de trabalho iriam melhorar o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a.

Palavras-chave: horários de trabalho, trabalho por turnos, relacionamento mãe-filho/a adolescente, perspetiva dos/as filhos/as

Abstract

The literature has shown that shift work has negative consequences for workers' family lives, particularly in terms of their relationship with their children. However, research has privileged the perspective of workers, such that the inclusion of the perspective of third parties is recommended. Thus, the present study aimed to analyse the impact of working schedules (rotating shifts *versus* standard schedules) on the relationship between mothers and their adolescent children, from the perspective of both. The study included 140 participants (70 mothers: 35 *daytime* workers and 35 *shift* workers; 35 respective children), who responded to a questionnaire. The results suggested that daytime workers report greater satisfaction in terms of involvement in their children's daily activities than shift workers. Additionally, it was found that the children of shift workers perceive communication with their mothers as more efficient than the children of daytime workers. Complementary analysis also indicated that, compared to daytime workers and their children, shift workers and their children more often indicate insufficient daily contact and that other working schedules would improve the mother's involvement in the child's daily activities.

Keywords: work schedules, shift work, mother-adolescent relationships, children's perspective

Índice

Horário de trabalho e trabalho por turnos.....	9
Consequências do trabalho por turnos	9
Papel das mães na adolescência	10
Impacto ao nível do envolvimento parental	10
Impacto ao nível do relacionamento mãe-filho/a	11
Objetivos do estudo	13
Metodologia.....	14
Participantes	14
Instrumentos	16
<i>Questionário sociodemográfico e profissional</i>	16
<i>Inventário da Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais (IQRI)</i>	16
<i>Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA)</i>	16
<i>Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental</i>	17
Procedimentos	18
Análise de dados	19
Resultados	19
Análise das propriedades psicométricas da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental	19
Análises descritivas.....	20
Comparação das perspetivas trabalhadoras diurnas – trabalhadoras por turnos	21
Comparação das perspetivas filhos/as de trabalhadoras diurnas – filhos/as de trabalhadoras por turnos	23
Análise das sugestões e comentários	25
Discussão.....	27
Referências	32

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Caracterização sociodemográfica e profissional das trabalhadoras e respectivos/as filhos/as</i>	15
Tabela 2. <i>Resultados da análise fatorial exploratória da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental – versão mãe</i>	20
Tabela 3. <i>Resultados da análise fatorial exploratória da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental – versão filho/a</i>	20
Tabela 4. <i>Medidas descritivas das variáveis estudadas em função do grupo</i>	21
Tabela 5. <i>Comparação das variáveis estudadas em função do grupo das trabalhadoras</i>	22
Tabela 6. <i>Comparação das perguntas complementares em função do grupo das trabalhadoras</i>	23
Tabela 7. <i>Comparação das variáveis estudadas em função do grupo dos/as filhos/as</i>	24
Tabela 8. <i>Comparação das perguntas complementares em função do grupo dos/as filhos/as</i>	25
Tabela 9. <i>Sugestões de horários de trabalho que iriam melhorar o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a, em função do grupo</i>	26
Tabela 10. <i>Frequência de respostas às categorias “aspectos positivos”, “aspectos negativos” e “comentários gerais”, e respectivas subcategorias</i>	27

O impacto dos horários de trabalho das mães no relacionamento com os/as filhos/as:

Perspetivas mútuas

Horário de trabalho e trabalho por turnos

Com o avanço da globalização e aumento das pressões competitivas, assistimos a uma crescente pressão sobre as organizações para que aumentem a sua produtividade (Baker et al., 2003; Winkler et al., 2018). Como forma de dar resposta a tal pressão, surge a necessidade de alargamento dos horários de trabalho, resultando num aumento de trabalhadores/as a laborar em horários considerados “atípicos” (Costa, 2003; Li et al., 2014).

Contrariamente aos horários de trabalho convencionais – horas diurnas e regulares (e.g., segunda a sexta-feira, 09:00-17:00) –, os horários atípicos normalmente consistem em horários de trabalho não diurnos, irregulares ou ambos (Winkler et al., 2018). O trabalho por turnos insere-se nos horários de trabalho atípicos, sendo definido na Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, que regula o Código do Trabalho português, como “qualquer organização do trabalho em equipa em que os trabalhadores ocupam sucessivamente os mesmos postos de trabalho, a um determinado ritmo, incluindo o rotativo, contínuo ou descontínuo, podendo executar o trabalho a horas diferentes num dado período de dias ou semanas” (Artigo 115º). Do ponto de vista da sua caracterização, este sistema de trabalho pode variar, por exemplo, segundo a rotatividade de turnos (i.e., se o trabalhador desempenha a sua função continuamente no mesmo turno ou se alterna periodicamente entre turnos), a velocidade e o sentido de rotação dessas mudanças (Costa, 1997; Silva, 2012).

Segundo o sexto Inquérito Europeu sobre as Condições de Trabalho, em 2015, 16% dos/as trabalhadores/as portugueses estavam envolvidos em trabalho por turnos. Destacando o sexo feminino, ao qual será dado ênfase nesta investigação, torna-se importante referir que, aquando deste estudo, 15% das trabalhadoras portuguesas realizavam trabalho por turnos (Eurofound, 2021).

Consequências do trabalho por turnos

O trabalho por turnos pode apresentar vantagens para os/as trabalhadores/as, destacando-se os benefícios a nível económico (e.g., majoração económica) e de reorganização temporal (e.g., maior envolvimento do pai com os/as filhos/as quando a mãe trabalha por turnos) (Agosti et al., 2015; Silva et al., 2014; West et al., 2012).

Não obstante as vantagens expostas, esta modalidade horária tem sido associada a maiores dificuldades na vida familiar, especialmente quando envolve o turno da tarde, o turno da noite e/ou rotação por diferentes turnos (Prata & Silva, 2013; Costa & Silva, 2019; Rapoport & Le Bourdais, 2008; Wöhrmann et al., 2020). No estudo de Strazdins et al. (2006), foi encontrado suporte para um

funcionamento familiar de pior qualidade e para uma menor eficiência nos cuidados parentais nas famílias em que os progenitores laboravam em horários atípicos (e.g., turno da tarde), comparativamente às famílias de trabalhadores/as diurnos/as. Estes resultados são suportados por outros estudos (e.g., Costa & Silva, 2019; Grosswald, 2004), que revelaram que trabalhadores/as por turnos exibem mais frequentemente problemas ao nível do relacionamento familiar, inclusive com os/as filhos/as. Segundo Sizane e Van Rensburg (2011), estas dificuldades devem-se à “falta de tempo para resolver conflitos, tomar decisões mútuas e fazer atividades em família, como participar em encontros familiares e atividades escolares dos/as filhos/as” (p. 71).

Entre outras consequências, as interações familiares negativas associadas a estas configurações horárias podem tornar as crianças mais propensas a desenvolver dificuldades do foro social e emocional, assim como problemas de adaptação durante a infância e adolescência, pelo que esta “*economia 24/7*” pode impactar, não só o bem-estar dos/as trabalhadores/as, como também dos/as filhos/as, e o funcionamento familiar em geral (Deater-Deckard, 2005; Strazdins et al., 2006).

Papel das mães na adolescência

A adolescência é uma fase onde ocorrem transformações críticas ao nível do desenvolvimento (Freire & Ferreira, 2018; Granic et al., 2003). Durante este período, é fundamental que os adolescentes se sintam conectados com a família e mantenham relações positivas com esta, sendo que um relacionamento parento-filial negativo pode resultar em dificuldades acrescidas, tornando as mudanças ainda mais desafiantes (Roth & Brooks-Gunn, 2000).

Durante a adolescência, as mães desempenham um papel, com os/as filhos/as, distinto daquele que é desempenhado pelos pais, sendo este um papel de caráter mais íntimo (Sizane & Van Rensburg, 2011). Segundo o estudo de Renk et al. (2003), embora o tempo de interação com os/as filhos/as e a acessibilidade a estes/as pareça ser igual entre mães e pais, as mães continuam a assumir a generalidade das responsabilidades relacionadas com os/as filhos/as (e.g., ajudá-los/as com os trabalhos de casa, realizar atividades divertidas com eles/as). Outros estudos (e.g., Beckert et al., 2007; Cano et al., 2019) têm vindo a suportar estes resultados, revelando que, comparativamente com os pais, o tempo passado a realizar atividades com os/as filhos/as e a necessidade de interação e de aceder a um adulto após a escola é superior para as mães.

Impacto ao nível do envolvimento parental

Desde meados do século XX que se tem vindo a assistir a uma crescente feminização do mercado de trabalho em todo o mundo (Ferreira, 1999). Em consequência destas mudanças, que afastam as

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

mulheres dos seus lares num determinado período de tempo, podem emergir conflitos no desempenho dos papéis familiares e nas relações estabelecidas entre os membros da família (Oláh et al., 2018).

Vários autores (e.g., Presser, 2007; Sizane & Van Rensburg, 2011; Tai et al., 2014) sugerem que o trabalho por turnos exige que as trabalhadoras se ausentem de casa no período em que, normalmente, poderiam interagir mais com os/as seus/suas filhos/as adolescentes. De facto, a literatura (e.g., Gonçalves et al., 2020; Pilarz et al., 2020; Tai et al., 2014) mostra que trabalhadores/as por turnos passam menos tempo com os/as filhos/as, pelo facto destas configurações horárias interferirem com as rotinas familiares (e.g., refeições) e provocarem elevados níveis de stress e cansaço, que dificultam a participação em atividades com os/as filhos/as e, conseqüentemente, a preservação das relações familiares.

Outros domínios afetados pelo trabalho por turnos são o acompanhamento diário (e.g., acompanhamento em atividades extracurriculares), o acompanhamento escolar (e.g., auxílio nos trabalhos de casa) e a responsabilidade pela educação dos/as filhos/as (Bolino et al., 2021; Cia et al., 2008; Costa & Silva, 2022). Alguns estudos (e.g., Mott et al., 1965; La Valle et al., 2002) indicam que os/as trabalhadores/as por turnos sentem-se menos capazes de passar tempo a realizar atividades com os/as filhos/as (e.g., auxiliar nos trabalhos de casa), de lhes ensinar determinadas competências e, ainda, de lidar com questões de controlo e disciplina.

Neste sentido, a evidência empírica descrita sugere que o trabalho por turnos que exige a incompatibilidade de horários entre mães e filhos/as pode prejudicar a capacidade de encontrar tempo e energia para preservar ou nutrir relacionamentos íntimos e saudáveis entre si (Kim et al., 2016; Lemmon et al., 2018).

Impacto ao nível do relacionamento mãe-filho/a

No estudo do impacto do trabalho por turnos no relacionamento parento-filial, o envolvimento parental – avaliado como o tempo em interação com os/as filhos/as e o envolvimento nas suas atividades – tem sido alvo de maior atenção, comparativamente à própria natureza do relacionamento (e.g., Hook, 2012; Pilarz et al., 2020). Além disso, a maioria dos estudos (e.g., Baker, 2016; Kim et al., 2016; Leibbrand, 2018) centrou-se em investigar o impacto dos horários atípicos no desenvolvimento e comportamento infantil, resultando numa compreensão limitada sobre o impacto nos adolescentes.

Assim, de forma a traçar um quadro mais completo da influência das condições de trabalho maternas nos/as filhos/as, torna-se relevante perceber quais as implicações que o trabalho por turnos pode ter na qualidade do relacionamento entre mães e os/as seus/suas filhos/as adolescentes.

A percepção de suporte social e profundidade no relacionamento, os conflitos e a comunicação são considerados indicadores da qualidade dos relacionamentos interpessoais, sendo-lhes atribuída grande importância para o bem-estar e desenvolvimento dos adolescentes (Carr, 2012; Galambos et al., 1995; Pierce et al., 1991; Portugal & Alberto, 2014). O suporte social, definido como o apoio ou disponibilidade de outros significativos (Sarason et al., 1983), entre os fatores psicossociais que afetam a saúde mental, tem-se revelado dos mais importantes, podendo influenciar os índices de depressão em adolescentes (Claudino et al., 2006; Nakano et al., 2002). A percepção de profundidade, associada ao grau de importância e segurança que o indivíduo atribui ao relacionamento (Sarason, et al., 1990), correlaciona-se negativamente com a solidão no relacionamento com as mães (Pierce et al., 1991). Os níveis de conflito encontram-se associados a uma menor autoestima durante o período da adolescência (Dekovic, 1999). A comunicação, por sua vez, consiste numa dimensão essencial para a relação parento-filial (Carr, 2012), que pode influenciar, por exemplo, o modo como os jovens percebem o consumo de álcool (Miller-Day & Kam, 2010).

Estas variáveis podem ser influenciadas pelos horários de trabalho, dado que, além das dificuldades dos/as trabalhadores/as por turnos em conciliar o seu tempo livre com as atividades familiares, e o impacto dessas dificuldades na sua esfera familiar, também os estados negativos ou positivos associados ao próprio trabalho podem interferir no plano familiar, ao serem transferidos da esfera laboral para as interações familiares (Sirgy et al., 2020). Este processo caracteriza-se pela transferência (em inglês, *spillover*) de estados associados ao trabalho para o plano familiar (Rogers & May, 2003) e, segundo Crouter et al. (1999), poderá abranger o relacionamento parento-filial ao influenciar negativamente a qualidade da relação entre o progenitor (neste caso, a mãe) e o/a seu/sua filho/a adolescente. A exaustão física, a fadiga, a frustração emocional e a irritabilidade, associadas a horários longos de trabalho e à sobrecarga de papéis, podem interferir na comunicação entre a mãe e o/a filho/a e, conseqüentemente, aumentar o stress interpessoal, provocando um afastamento emocional e conflitos frequentes (Sizane & Van Rensburg, 2011). De facto, no estudo de Sizane e Van Rensburg (2011), os resultados revelaram que filhos/as de trabalhadoras diurnas percebiam a comunicação com as suas mães como mais eficiente do que filhos/as de trabalhadoras por turnos. Outros estudos (e.g., Costa & Silva, 2022; Gonçalves et al., 2020; Kacmaz & Serinkan, 2013) suportam estes resultados, apontando a comunicação como uma das dimensões relacionais mais afetadas pelo trabalho por turnos. Contudo, muito menos se sabe acerca da relação entre esta modalidade horária e o conflito, suporte e profundidade percebidos no relacionamento parento-filial, sendo que, na pesquisa bibliográfica realizada, apenas o estudo de Davis et al. (2006), que também se dedicou a

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

investigar os efeitos do trabalho por turnos na qualidade do relacionamento progenitor-filho/a, abordou dimensões como o conflito e a intimidade/proximidade relacional.

Tendo em conta a importância que a qualidade do relacionamento mãe-filho/a apresenta para o bem-estar e desenvolvimento dos adolescentes, bem como a necessidade de aprofundar esta problemática (Davis et al., 2006), torna-se relevante investigar o papel do trabalho por turnos, em particular daquele que envolve o turno da tarde, noite e a rotação por diferentes turnos, não apenas no envolvimento parental, mas também em outras dimensões relacionais, como a perceção de suporte e profundidade no relacionamento, conflito e comunicação. Além disso, a maioria dos estudos sobre o impacto do trabalho por turnos na vida familiar tem-se baseado nos relatos dos/as próprios/as trabalhadores/as (e.g., Iskra-Golec et al., 2017), pelo que alguns autores (e.g., Bolino et al., 2021; Molina, 2021) têm sugerido a complementaridade de outras metodologias e perspetivas (neste estudo, dos/as filhos/as) para uma melhor compreensão do tema.

Objetivos do estudo

Face à revisão de literatura descrita, este estudo pretende contribuir para a compreensão do impacto dos horários de trabalho (horário em turnos rotativos *versus* horário normal) no relacionamento entre mães e os/as seus/suas filhos/as adolescentes, segundo a perspetiva de ambos. Assim, apresenta como principais objetivos:

- i. Analisar se as mães que trabalham em turnos rotativos diferem das mães afetas ao horário normal (doravante denominadas “trabalhadoras diurnas”), no modo como percecionam o relacionamento com os/as seus/suas filhos/as adolescentes;
- ii. Analisar se os/as filhos/as adolescentes de trabalhadoras em turnos rotativos diferem dos/as filhos/as adolescentes de trabalhadoras diurnas, no modo como percecionam o relacionamento com as suas mães;

Neste estudo, o horário de trabalho por turnos incide nos sistemas de turnos rotativos que implicam a alternância de manhãs, tardes e noites, devido aos impactos negativos relatados por vários autores (e.g., Grosswald, 2004; Handy, 2010), em particular dos dois últimos turnos (i.e., tardes e noites) e da rotatividade dos horários, na esfera familiar.

Metodologia

Participantes

A amostra é constituída por 140 participantes, divididos em quatro grupos – trabalhadoras *diurnas*, respetivos/as filhos/as de trabalhadoras *diurnas*, trabalhadoras *por turnos* e respetivos/as filhos/as de trabalhadoras *por turnos* – sendo cada grupo constituído por 35 participantes (Tabela 1).

No que se refere ao grupo das trabalhadoras *diurnas*, a amostra é composta unicamente por participantes do sexo feminino, de diversas categorias profissionais (e.g., operária têxtil, professora), e que laboram em horários compreendidos entre as 08:00 e as 18:00, nos dias úteis. As trabalhadoras têm idades compreendidas entre os 36 e os 60 anos ($M = 45.37$; $DP = 4.96$) e uma média de antiguidade no horário de 19.31 ($DP = 9.98$), sendo que a maioria apresenta o ensino secundário (31.4%). O grupo das trabalhadoras *por turnos* é também constituído exclusivamente por mulheres, de diferentes categorias profissionais (e.g., enfermeira, assistente operacional), e que laboram em horários de trabalho por turnos rotativos (alternância manhã-tarde-noite). As suas idades estão compreendidas entre os 33 e os 55 anos ($M = 45.20$; $DP = 5.30$), verificando-se que 80% completou o ensino secundário ou superior. Neste grupo, a média de antiguidade no horário situa-se nos 17.83 anos ($DP = 7.90$). Relativamente ao grupo constituído pelos/as filhos/as das trabalhadoras *diurnas*, 57.1% dos participantes são do sexo masculino, estando as suas idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos ($M = 14.49$; $DP = 1.67$). A maioria dos jovens frequenta, atualmente, algum grau de ensino (97.1%) e 91.4% completou o 2º ou 3º ciclo do ensino básico. Por fim, o grupo dos/as filhos/as das trabalhadoras *por turnos* é também constituído por 57.1% participantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos ($M = 14.63$; $DP = 1.63$), tendo a maioria completado o 3º ciclo do ensino básico (54.3%).

Em termos familiares, o número de filhos/as das trabalhadoras varia entre 1 e 4, sendo que, em ambos os grupos, a maioria indicou ter 2 filhos/as (TD - 62.9%; TT - 60%). Quanto aos agregados familiares, a maioria é composto por 4 pessoas (TD - 48.6%; TT - 51.4%).

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica e profissional das trabalhadoras e respetivos/as filhos/as

	Trabalhadoras diurnas		Trabalhadoras por turnos		Filhos/as de trabalhadoras diurnas		Filhos/as de trabalhadoras por turnos	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Número de participantes	35		35		35		35	
Sexo								
Feminino	35	100	35	100	15	42.9	15	42.9
Masculino	-	-	-	-	20	57.1	20	57.1
Idade <i>M(DP)</i>	45.37 (4.96)		45.20 (5.30)		14.49 (1.67)		14.63 (1.63)	
Frequenta algum grau de ensino?								
Sim					34	97.1	35	100
Não					1	2.9	-	-
Nível de escolaridade								
1º ciclo do ensino básico	1	2.9	-	-	-	-	-	-
2º ciclo do ensino básico	8	22.9	-	-	16	45.7	13	37.1
3º ciclo do ensino básico	7	20.0	7	20.0	16	45.7	19	54.3
Ensino secundário	11	31.4	8	22.9	3	8.6	3	8.6
Ensino superior	8	22.9	20	57.1	-	-	-	-
Número de manhãs que trabalha em 1 mês <i>M(DP)</i>					7.00 (2.90)			
Número de tardes que trabalha em 1 mês <i>M(DP)</i>					6.63 (3.11)			
Número de noites que trabalha em 1 mês <i>M(DP)</i>					6.21 (2.57)			
Antiguidade no horário de trabalho <i>M(DP)</i>	19.31 (9.98)		17.83 (7.90)					

Nota. *M*= média; *DP*= desvio padrão.

Instrumentos

O protocolo de investigação utilizado na recolha de dados incluiu vários questionários e escalas, bem como uma pergunta opcional de resposta aberta, referente a comentários sobre o horário das trabalhadoras. Neste estudo, foram criadas quatro versões do protocolo, nomeadamente: “versão trabalhadora diurna”, “versão trabalhadora por turnos”, “versão filho/a de trabalhadora diurna” e “versão filho/a de trabalhadora por turnos”.

Questionário sociodemográfico e profissional

Este questionário pretendia recolher informações para efeitos de caracterização da amostra, tendo-se obtido dados sobre: 1) características sociodemográficas (e.g., idade), 2) características da situação familiar (e.g., número total de pessoas do agregado familiar) e 3) características da situação profissional das mães (e.g., horário de trabalho).

Inventário da Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais (IQRI)

O Inventário da Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais foi desenvolvido por Pierce et al. (1991), com o intuito de avaliar o grau de suporte, profundidade e conflito percebidos pelo indivíduo num relacionamento específico.

Para analisar a perspetiva dos/as filhos/as, foi adotada a versão proposta por Marques et al. (2014) para o contexto português, que pretende avaliar como é que o suporte, a profundidade e o conflito são percebidos pelo adolescente na relação que estabelece com a mãe. É constituída por 16 itens, que se distribuem pelas três dimensões mencionadas, sendo estes respondidos numa escala de *Likert* de 1 (“Nunca ou Nada”) a 4 (“Sempre ou Muito”) pontos. Nesta versão, o valor de alfa de *Cronbach* corresponde a 0.83 para o “conflito”, 0.81 para a “profundidade” e 0.78 para o “suporte”.

Para analisar a perspetiva das mães, foi utilizada a versão proposta por Matos et al. (2016) para o contexto português, que pretende avaliar a perceção de suporte social no relacionamento pai/mãe-filho/a, segundo a perspetiva do progenitor. É constituída por 16 itens, respondidos numa escala idêntica à anteriormente descrita, que avaliam duas dimensões – “suporte/profundidade” e “conflito” –, sendo os valores de alfa de *Cronbach*, respetivamente, de 0.89 e de 0.86.

Em ambas as versões, quanto maior for a pontuação obtida numa dada dimensão, maior é a perceção dessa dimensão no relacionamento.

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA)

A Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade foi desenvolvida, para o contexto português, por Portugal e Alberto (2014), de forma a avaliar as perceções dos progenitores e filhos/as

relativamente à comunicação que mantêm entre si. Neste estudo, foram adotadas as versões COMPA-P, criada para pais/mães, e COMPA-A, dirigida aos/às filhos/as entre os 12 e os 16 anos.

A COMPA-P é constituída por 44 itens que avaliam cinco dimensões: “expressão do afeto e apoio emocional”, “disponibilidade parental para a comunicação”, “metacomunicação”, “confiança/partilha comunicacional dos progenitores para os filhos” e “confiança/partilha comunicacional dos filhos para os progenitores”. Os itens são respondidos numa escala de *Likert* de 1 (“Nunca”) a 5 (“Sempre”) pontos, sendo que quanto mais elevada for a pontuação em cada subescala melhor é a percepção da comunicação. Os valores do coeficiente de alfa de *Cronbach* para cada subescala situaram-se, respetivamente, em 0.82, 0.73, 0.73, 0.75 e 0.62.

A COMPA-A é composta por 39 itens que avaliam igualmente cinco dimensões: “disponibilidade parental para a comunicação”, “confiança/partilha comunicacional dos filhos para os progenitores”, “expressão do afeto e apoio emocional”, “metacomunicação” e “padrão comunicacional negativo”, tendo estas exibido, respetivamente, alfas de *Cronbach* de 0.87, 0.87, 0.84, 0.81 e 0.65. A escala de resposta e a interpretação dos resultados são idênticas às da COMPA-P, exceto na última dimensão, em que cotações elevadas revelam uma percepção negativa da comunicação parento-filial.

Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental

De forma a avaliar a satisfação com o envolvimento das mães nas atividades diárias dos/as filhos/as, foi desenvolvida, no âmbito do presente estudo, a Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental. Tal como descrito na revisão de literatura efetuada, vários estudos (e.g., Bolino et al., 2021; Pilarz et al., 2020) apontam diversas implicações do trabalho por turnos para esta dimensão relacional, sendo que, na construção do instrumento, foram consideradas: 1) as áreas em que a literatura sugere um maior impacto – tempo passado com o/a filho/a, acompanhamento em atividades escolares e acompanhamento em atividades extracurriculares (e.g., Costa & Silva, 2022; Root & Wooten, 2008) –, 2) instrumentos desenvolvidos por outros autores (e.g., Cia & Barham, 2005) e 3) instrumentos a ser desenvolvidos por elementos do grupo de investigação, coordenado pela orientadora do presente trabalho, nos seus projetos de investigação.

Foram construídas duas versões da escala, uma para mães e outra para filhos/as, sendo cada uma delas composta por 4 itens que abordam, respetivamente, o grau de satisfação com o tempo passado entre mãe e filho/a, saídas em conjunto, acompanhamento escolar e acompanhamento nas atividades extracurriculares dos/as filhos/as. Na resposta às questões, é utilizada uma escala de *Likert* de 5 pontos, em que 1 corresponde a “Totalmente insatisfeito”, 3 a “Nem satisfeito nem insatisfeito” e 5 a “Totalmente satisfeito”.

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

São ainda apresentadas três perguntas complementares: duas de resposta dicotômica – que avaliam, respetivamente, o contacto diário da trabalhadora com o/a filho/a e se outros horários de trabalho iriam melhorar o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a –; e uma de resposta aberta para aqueles/as que respondem afirmativamente à segunda questão, solicitando-se especificação de qual/quais o(s) horário(s).

Procedimentos

Em primeiro lugar, o presente estudo foi submetido à Comissão de Ética da Universidade do Minho, tendo obtido parecer favorável (Anexo A).

Numa primeira fase, realizou-se um pré-teste do protocolo a duas trabalhadoras, uma delas afeta ao horário normal e outra ao trabalho por turnos, bem como aos/às respetivos/as filhos/as, no sentido de avaliar a compreensão das questões apresentadas e a perceção da linguagem utilizada. Desta aplicação, resultaram pequenas alterações nos questionários (e.g., inicialmente colocou-se 09:00-17:00 como exemplo de horário normal, alterando-se posteriormente para “entre as 08:00 e as 18:00”), que facilitaram a sua compreensão/clareza.

Obtidas as quatro versões finais do protocolo, foi estabelecido contacto com várias organizações dos setores de atividades mais expostos ao trabalho por turnos (e.g., setor hospitalar, industrial), com o intuito de dar conhecimento do projeto e perceber se estariam dispostas a colaborar na presente investigação. Este primeiro contacto foi efetuado através de um *e-mail* explicativo, no qual constava a apresentação do estudo e os seus principais objetivos.

Face à ausência de resposta (na maioria dos casos) ou à incompatibilidade de prazos por parte destas organizações (três casos em que a recolha nas organizações só poderia iniciar em meados de setembro), a divulgação continuou em diversos grupos no *Facebook* (e.g., grupos de enfermeiros) e na rede de relações da investigadora, adotando-se numa fase subsequente a estratégia de “bola de neve” entre os participantes. Adicionalmente, foram contactados sindicatos de setores de atividade que se encontram expostos ao trabalho por turnos (e.g., sindicatos de enfermeiros, polícias), procedendo-se também à criação de um *Website*, através da plataforma *Webrnode*, que foi divulgado nas redes sociais.

A recolha de dados decorreu entre o início do mês de junho até ao início do mês de setembro, sendo que os questionários foram disseminados em formato papel ou *online* (criado através da plataforma *Google Forms*), dependendo da localização geográfica dos participantes. Em ambos os formatos, a participação iniciou-se com a apresentação do consentimento informado, através do qual foram explicitados os objetivos do estudo, o carácter voluntário da participação e a garantia de anonimato e confidencialidade das respostas. De referir que, no caso da recolha *online*, apenas foram consideradas

válidas as respostas dos jovens cujas mães autorizaram a participação do/a filho/a no estudo (questão que é colocada na versão do protocolo apresentada às mães).

Análise de dados

Para a análise de dados quantitativos recorreu-se ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM® SPSS®, versão 28.0), que permitiu realizar:

- análise fatorial exploratória da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental;
- análises descritivas para todos os grupos;
- análises inferenciais para associação entre variáveis (testes de Qui-Quadrado (χ^2)) e para comparação de grupos (testes de *Mann – Whitney (U)*), optando-se por este último devido ao não cumprimento dos pressupostos para utilização de testes paramétricos (Pestana & Gageiro, 2008). No caso do Qui-Quadrado (χ^2), quando o pressuposto para a sua utilização não estiver cumprido, será relatado o resultado do Teste Exato de Fisher, conforme recomendação de Martins (2011).

Os dados qualitativos resultantes das respostas às questões abertas foram analisados com recurso a análise de conteúdo (Bardin, 2013).

Resultados

Análise das propriedades psicométricas da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental

A análise de dados iniciou-se com uma análise fatorial exploratória dos componentes principais para cada uma das versões da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental. O valor de KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin measure of sampling adequacy*) obtido foi de 0.80 para a *versão mãe* e de 0.67 para a *versão filho/a*, situando-se ambos os valores acima do valor limite para aceitação da amostra – 0.5 (Field, 2005). Por seu lado, o teste de esfericidade de Bartlett revelou-se significativo nas duas versões ($p < .001$), permitindo a continuidade da análise.

Na *versão mãe*, verificou-se a extração de 1 componente (doravante designado de fator), intitulado de “Satisfação com o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a”, que explica 74.66% da variância total, e nele saturam os 4 itens. No que diz respeito à *versão filho/a*, verificou-se igualmente a extração de 1 fator, também denominado de “Satisfação com o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a”, que agrupa os 4 itens da escala e explica uma variância total de 61.77%. Na Tabela 2 e 3 são apresentados os pesos de saturação dos itens em função da versão da escala, tendo-se considerado para efeitos de retenção do item no respetivo fator um peso de saturação ≥ 0.5 , conforme recomendação de Tabachnick e Fidell (2007).

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

De seguida, foi analisada a consistência interna (alfa de *Cronbach*) para cada versão do instrumento, sendo que a *versão mãe* obteve um alfa de *Cronbach* de 0.88 e a *versão filho/a* de 0.79.

Tabela 2

Resultados da análise fatorial exploratória da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental – versão mãe

Itens	Fator 1
1. Tempo passado entre mãe e filho/a.	.836
2. Saídas em conjunto.	.840
3. Atividades escolares (ex., ajudar nos trabalhos de casa, participar em reuniões escolares).	.840
4. Atividades extracurriculares (ex., acompanhar o/a seu/sua filho/a a jogos, competições).	.740
% da variância explicada	74.66

Tabela 3

Resultados da análise fatorial exploratória da Escala de Satisfação com o Envolvimento Parental – versão filho/a

Itens	Fator 1
1. Tempo passado entre mãe e filho/a.	.623
2. Saídas em conjunto.	.773
3. Atividades escolares (ex., ajudar-te nos trabalhos de casa, participar em reuniões escolares).	.660
4. Atividades extracurriculares (ex., acompanhar-te a jogos, competições).	.745
% da variância explicada	61.77

Análises descritivas

Na Tabela 4 são apresentadas as médias, medianas e desvios padrão das variáveis estudadas em função do grupo. As médias e medianas encontram-se acima do ponto médio das escalas – correspondente a 2.5 nas subescalas “suporte/profundidade”, “suporte”, “profundidade” e “conflito” e a 3 nas restantes subescalas – na maioria das dimensões, exceto no “conflito” e no “padrão

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

comunicacional negativo”. Estando os itens destas subescalas formulados pela negativa, quanto menor for a pontuação nestas dimensões melhor é a percepção do relacionamento parento-filial.

Tabela 4

Medidas descritivas das variáveis estudadas em função do grupo

	Trabalhadoras diurnas			Trabalhadoras por turnos			Filhos/as de trabalhadoras diurnas			Filhos/as de trabalhadoras por turnos		
	M	DP	Mdn	M	DP	Mdn	M	DP	Mdn	M	DP	Mdn
Suporte/ Profundidade	3.76	.27	3.75	3.66	.34	3.75						
Conflito	2.35	.49	2.38	2.35	.50	2.25	2.27	.68	2.20	2.15	.50	2.20
Suporte Profundidade							3.45	.50	3.60	3.66	.36	3.80
							3.71	.28	3.67	3.73	.23	3.67
EAAE	4.27	.42	4.25	4.40	.38	4.50	4.24	.69	4.20	4.60	.49	4.80
MC	4.26	.50	4.38	4.38	.34	4.38	3.69	.65	3.56	4.06	.52	4.00
DPC	3.75	.50	3.75	3.92	.47	3.88	4.22	.54	4.29	4.48	.42	4.57
C/PCPF	4.07	.50	4.14	4.17	.47	4.14						
C/PCFP	3.74	.59	3.71	3.93	.56	4.00	3.67	.86	3.86	4.18	.61	4.14
PCN							2.45	.60	2.50	2.29	.63	2.25
SEMADF	3.94	.70	4.00	3.14	.92	3.00	3.82	.79	4.00	3.79	.89	3.75

Nota. M = média; DP = desvio padrão; Mdn = mediana; EAAE = expressão do afeto e apoio emocional; MC = metacomunicação; DPC = disponibilidade parental para a comunicação; C/PCPF = confiança/partilha comunicacional dos progenitores para os filhos; C/PCFP = confiança/partilha comunicacional dos filhos para os progenitores; PCN = padrão comunicacional negativo; SEMADF = satisfação com o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a.

Comparação das perspectivas trabalhadoras diurnas – trabalhadoras por turnos

Para analisar a existência de diferenças entre os dois grupos de trabalhadoras nas dimensões avaliadas foram realizados testes de *Mann-Whitney (U)*, verificando-se que as trabalhadoras diurnas relatam um grau de satisfação com o envolvimento nas atividades diárias dos/as filhos/as significativamente superior ao das trabalhadoras por turnos (Tabela 5).

Tabela 5

Comparação das variáveis estudadas em função do grupo das trabalhadoras

	Trabalhadoras	Trabalhadoras	<i>U</i>	<i>p</i>
	diurnas (N = 35) <i>Ordem Média</i>	por turnos (N = 35) <i>Ordem Média</i>		
Suporte/Profundidade	38.37	32.63	512.00	.228
Conflito	36.29	34.71	585.00	.746
Expressão do afeto e apoio emocional	32.56	38.44	509.50	.225
Metacomunicação	33.44	37.56	540.50	.395
Disponibilidade parental para a comunicação	32.34	38.66	502.00	.193
Confiança/Partilha comunicacional dos progenitores para os filhos	33.81	37.56	553.50	.486
Confiança/Partilha comunicacional dos filhos para os progenitores	32.39	38.61	503.50	.199
Satisfação com o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a	44.79	26.21	287.50***	< .001

p* < .05. *p* < .01. ****p* < .001.

Na comparação das duas perguntas complementares de resposta dicotômica, foram realizados testes de Qui-Quadrado (χ^2), indicando a existência de associações estatisticamente significativas entre o horário de trabalho e sentir ou não que tem contacto suficiente no dia-a-dia com o/a filho/a, assim como entre o horário de trabalho e considerar ou não que outros horários de trabalho iriam melhorar o seu envolvimento nas atividades diárias do/a filho/a (Tabela 6).

Em comparação com as trabalhadoras diurnas (8.6%), as trabalhadoras por turnos (37.1%) apontam com mais frequência um contacto diário insuficiente com o/a filho/a. Além disso, enquanto a maioria (74.3%) das trabalhadoras por turnos refere que outros horários de trabalho iriam melhorar o seu envolvimento nas atividades diárias do/a filho/a, a maioria (65.7%) das trabalhadoras diurnas considera que não.

Tabela 6

Comparação das perguntas complementares em função do grupo das trabalhadoras

	Trabalhadoras		Trabalhadoras		χ^2	<i>p</i>
	diurnas		por turnos			
	(N = 35)		(N = 35)			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%		
1. Contacto da trabalhadora com o/a filho/a suficiente					8.10**	.004
De uma forma geral, sim	32	91.4	22	62.9		
De uma forma geral, não	3	8.6	13	37.1		
2. Outros horários de trabalho iriam melhorar o envolvimento da trabalhadora nas atividades diárias do/a filho/a					11.28***	< .001
Sim	12	34.3	26	74.3		
Não	23	65.7	9	25.7		

p* < .05. *p* < .01. ****p* < .001.

Comparação das perspetivas filhos/as de trabalhadoras diurnas – filhos/as de trabalhadoras por turnos

Para comparar os dois grupos de adolescentes nas dimensões avaliadas, foram realizados testes de *Mann-Whitney (U)*, verificando-se diferenças estatisticamente significativas entre os/as filhos/as de trabalhadoras diurnas e os/as filhos/as de trabalhadoras por turnos ao nível da disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional dos filhos para os progenitores, expressão do afeto e apoio emocional, e metacomunicação. Especificamente, quando comparados com os/as filhos/as de trabalhadoras diurnas, os/as filhos/as de trabalhadoras por turnos tendem a perceberem mais positivamente as dimensões supramencionadas (Tabela 7).

Tabela 7

Comparação das variáveis estudadas em função do grupo dos/as filhos/as

	Filhos/as de trabalhadoras diurnas (N = 35) <i>Ordem Média</i>	Filhos/as de trabalhadoras por turnos (N = 35) <i>Ordem Média</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
Suporte	30.84	40.16	449.50	.051
Profundidade	35.11	35.89	599.00	.870
Conflito	37.71	33.29	535.00	.359
Disponibilidade parental para a comunicação	30.57	40.43	440.00*	.042
Confiança/Partilha comunicacional dos filhos para os progenitores	29.07	41.93	387.50**	.008
Expressão do afeto e apoio emocional	30.23	40.77	428.00*	.027
Metacomunicação	29.30	41.70	395.50*	.011
Padrão comunicacional negativo	38.36	32.64	512.50	.237
Satisfação com o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a	35.79	35.21	602.50	.906

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$

Na comparação das respostas dos adolescentes às duas perguntas complementares de resposta dicotômica, foram realizados testes de Qui-Quadrado (χ^2), verificando-se uma associação estatisticamente significativa entre o horário de trabalho da mãe e o/a filho/a sentir ou não que esta tem contacto suficiente consigo no dia-a-dia, assim como entre o horário de trabalho da mãe e o/a filho/a considerar ou não que outros horários de trabalho iriam melhorar o envolvimento que a mãe tem nas suas atividades diárias (Tabela 8).

Em comparação com os/as filhos/as de trabalhadoras diurnas (2.9%), os/as filhos/as de trabalhadoras por turnos (22.9%) referem mais frequentemente um contacto diário insuficiente com as mães. Ademais, enquanto a maioria (60.0%) dos/as filhos/as de trabalhadoras por turnos refere que outros horários de trabalho iriam melhorar o envolvimento que a mãe tem nas suas atividades diárias, a maioria (85.7%) dos/as filhos/as de trabalhadoras diurnas considera que não.

Tabela 8

Comparação das perguntas complementares em função do grupo dos/as filhos/as

	Filhos/as de trabalhadoras diurnas (N = 35)		Filhos/as de trabalhadoras por turnos (N = 35)		χ^2	<i>p</i>
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%		
	1. Contacto da trabalhadora com o/a filho/a suficiente					
De uma forma geral, sim	34	97.1	27	77.1		
De uma forma geral, não	1	2.9	8	22.9		
2. Outros horários de trabalho iriam melhorar o envolvimento da trabalhadora nas atividades diárias do/a filho/a					15.66***	< .001
Sim	5	14.3	21	60.0		
Não	30	85.7	14	40.0		

Nota. Na primeira pergunta é apresentado o resultado do Teste Exato de Fisher, que apenas tem o valor de *p* associado.

p* < .05. *p* < .01. ****p* < .001.

Análise das sugestões e comentários

A primeira questão, referente a sugestões de horários de trabalho que iriam melhorar o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a, obteve 64 respostas (45.71%). Contudo, cinco foram consideradas inválidas por não responderem ao que foi perguntado (e.g., “*Não sei.*”).

As sugestões apontadas com maior frequência pelas trabalhadoras por turnos e pelos/as seus/suas filhos/as foram o horário normal e o turno da manhã, respetivamente. Por outro lado, as trabalhadoras diurnas e respetivos/as filhos/as referiram predominantemente um horário normal que permitisse sair mais cedo do trabalho (Tabela 9).

Tabela 9

Sugestões de horários de trabalho que iriam melhorar o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a, em função do grupo

Trabalhadoras diurnas	Trabalhadoras por turnos	Filhos/as de trabalhadoras diurnas	Filhos/as de trabalhadoras por turnos
Horário normal que permita sair mais cedo (7)	Horário normal (12)	Horário normal que permita sair mais cedo (4)	Turno da manhã (7)
Turno da manhã (5)	Turno da manhã (7)		Horário com folga aos fins de semana (6)
Turno da tarde (2)	Horário com folga aos fins de semana (6)		Horário normal (4)
Redução de horário (1)	Horário sem noites de trabalho (4)		Horário sem noites de trabalho (3)
	Turno da tarde (1)		Turno da tarde (1)

Nota. O n obtido no conjunto de sugestões é superior ao número de participantes (n = 59) devido à apresentação por parte de alguns deles de mais do que uma sugestão.

Por sua vez, a segunda questão, relativa a comentários acerca do horário das trabalhadoras, obteve 32 respostas (22.86%), que foram divididas em três categorias – “aspectos positivos”, “aspectos negativos” e “comentários gerais” –, e dentro de cada categoria foram definidas várias subcategorias (Tabela 10). Na primeira categoria, as vantagens apontadas foram maioritariamente ao nível familiar. Na segunda categoria, os aspectos negativos foram mencionados unicamente pelas trabalhadoras por turnos e respetivos/as filhos/as, sendo os problemas relacionados à saúde das trabalhadoras (e.g., desgaste físico e emocional) a principal subcategoria referida. Na última categoria, foram consideradas as opiniões e sugestões dos participantes (e.g., “*Deixar de trabalhar em datas importantes para poder estar com a minha família.*”), bem como outros aspectos organizacionais não relacionados com o horário de trabalho (e.g., “*Não posso almoçar com os meus filhos durante a semana porque a minha escola fica longe.*”).

Tabela 10

Frequência de respostas às categorias “aspectos positivos”, “aspectos negativos” e “comentários gerais”, e respectivas subcategorias

Aspectos positivos associados aos horários de trabalho (n = 6)				
Subcategorias	T (n = 1)	TT (n = 3)	FTD (n = 1)	FTT (n = 1)
Vida familiar (n = 4)	1	1	1	1
Tempo próprio (n = 1)	-	1	-	-
Tarefas domésticas (n = 1)	-	1	-	-
Aspectos negativos associados aos horários de trabalho (n = 20)				
Subcategorias	TD (n = 0)	TT (n = 12)	FTD (n = 0)	FTT (n = 8)
Saúde (n = 11)	-	7	-	4
Vida familiar (n = 9)	-	5	-	4
Comentários gerais (n = 16)				
Subcategorias	TD (n = 1)	TT (n = 5)	FTD (n = 1)	FTT (n = 9)
Sugestões/opiniões (n = 14)	-	4	1	9
Outros aspectos organizacionais (n = 2)	1	1	-	-

Nota. TD = trabalhadoras diurnas; TT = trabalhadoras por turnos; FTD = filhos/as de trabalhadoras diurnas; FTT = filhos/as de trabalhadoras por turnos.

O n obtido no conjunto das subcategorias é superior ao número de participantes (n = 32) devido à apresentação por parte de alguns deles de mais do que um exemplo.

Discussão

O presente estudo assumiu como principais objetivos analisar a existência de diferenças entre trabalhadoras em turnos rotativos e trabalhadoras diurnas, no modo como percebem o relacionamento com os/as filhos/as adolescentes, assim como entre filhos/as adolescentes de trabalhadoras em turnos rotativos e filhos/as adolescentes de trabalhadoras diurnas, no modo como percebem o relacionamento com as mães.

Relativamente ao primeiro objetivo, os dados revelaram que as trabalhadoras diurnas relatam uma maior satisfação com o envolvimento nas atividades diárias dos/as filhos/as comparativamente às

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

trabalhadoras por turnos. Estes resultados são consistentes com estudos anteriores (e.g., Gracia & Kalmjin, 2016; La Valle et al., 2002), que encontraram impactos negativos dos horários de trabalho atípicos (e.g., trabalho por turnos) em áreas como o tempo em contacto com os/as filhos/as, acompanhamento escolar e acompanhamento extracurricular. Em certa medida, estes impactos podem ser explicados pelo facto de a vida familiar geralmente se organizar em função dos horários de trabalho e, considerando que a maioria da população labora no horário normal, é natural que as atividades familiares estejam sincronizadas com este tipo de horário e não com o trabalho por turnos (Silva & Bastos, 2018).

Quanto à comunicação, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de trabalhadoras, contrariando os dados de alguns estudos (e.g., Cia & Barham, 2005; Sizane & Van Rensburg, 2011), que sugerem que a comunicação parento-filial pode ser dificultada pelo trabalho por turnos. Por outro lado, em estudos qualitativos como os de Costa & Silva (2022) e Gonçalves et al. (2020), que exploraram possíveis impactos destas configurações horárias ao nível da comunicação com os/as filhos/as, alguns participantes não perceberam quaisquer consequências do trabalho por turnos para este domínio, o que vai de encontro aos resultados obtidos no presente estudo.

No que diz respeito ao conflito e ao suporte/profundidade no relacionamento, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função do horário de trabalho das mães. Estes resultados não obtiveram suporte empírico de estudos anteriores (e.g., Li et al., 2014; Presser, 2003), que indicaram que o trabalho por turnos pode reduzir a satisfação com as relações familiares e aumentar os níveis de conflito em casa. Porém, ainda que não existam diferenças estatisticamente significativas entre as modalidades horárias ao nível do suporte/profundidade, os resultados apontam na direção esperada, ou seja, as trabalhadoras diurnas parecem ter tendência a perceber mais positivamente esta dimensão do que as trabalhadoras por turnos.

Uma possível explicação para o facto de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os dois grupos em algumas das dimensões avaliadas consiste na perceção de suporte organizacional. A maioria das trabalhadoras por turnos da nossa amostra pertencia ao setor hospitalar, que lhes permite a realização de permutas no horário de trabalho, tendo sido esta flexibilidade relatada por algumas trabalhadoras deste grupo (e.g., "*Para mim ter um horário rotativo e flexível só me traz vantagens...*"). De acordo com estudos anteriores (e.g., Carneiro & Silva, 2015; Silva & Prata, 2015), a implementação de políticas como a flexibilidade na troca de turnos, além de facilitar a adaptação dos/as trabalhadores/as a esta modalidade horária, relaciona-se positivamente com a perceção de conciliação com a vida familiar, podendo atenuar os efeitos negativos do trabalho por turnos a este nível.

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

Quanto ao segundo objetivo, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de adolescentes ao nível da comunicação, com os filhos/as de trabalhadoras por turnos a perceberem a comunicação com as suas mães como mais eficiente do que os/as filhos/as de trabalhadoras diurnas. Estes resultados contrariam o estudo de Sizane e Van Rensburg (2011), cujos dados apontam na direção oposta, isto é, os/as filhos/as de trabalhadoras diurnas percecionavam mais positivamente esta dimensão do que os/as filhos/as de trabalhadoras por turnos. Contudo, no estudo citado, as trabalhadoras por turnos laboravam no turno fixo da noite e não em turnos rotativos, como no presente estudo. Assim, seria importante investigações futuras aprofundarem esta temática, verificando o impacto do trabalho por turnos no relacionamento parento-filial em função do sistema de turnos no qual a trabalhadora se insere.

Ao nível do conflito, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de adolescentes. De acordo com a revisão de literatura realizada, apenas o estudo de Davis et al. (2006) abordou o impacto do trabalho por turnos no grau de conflito percecionado pelos adolescentes na relação com as suas mães, sendo que, contrariamente à hipótese formulada pelos autores, os resultados não apontaram diferenças entre os filhos/as de trabalhadoras diurnas e os/as filhos/as de trabalhadoras por turnos nesta dimensão. Assim, os nossos dados suportam os resultados obtidos no estudo supramencionado.

Relativamente ao suporte e profundidade no relacionamento, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em função do horário de trabalho das mães, contrariando estudos anteriores (e.g., Han & Miller, 2009; Han & Waldfogel 2007; Prickett, 2018) que indicaram que o trabalho por turnos, enquanto horário atípico, está associado a uma menor proximidade no relacionamento parento-filial e a uma menor perceção de suporte no ambiente familiar, deteriorando a qualidade das interações mãe-filho/a.

Quanto à satisfação com o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de adolescentes. Estes dados diferem de outros estudos (e.g., Hook, 2012; Rapoport & Le Bourdais, 2008) que encontraram efeitos negativos do trabalho por turnos para o envolvimento parental. Contudo, ainda que não existam diferenças estatisticamente significativas entre as modalidades horárias neste domínio, os resultados revelam que os/as filhos/as de trabalhadoras por turnos parecem relatar uma menor satisfação com o envolvimento das mães nas suas atividades diárias do que os/as filhos/as de trabalhadoras diurnas.

No estudo de Wight et al. (2008), as autoras encontraram que os progenitores que laboravam em horários atípicos reduziam o tempo dedicado ao sono e a atividades de lazer, prejudicando também

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

as suas relações conjugais, de forma a maximizar o contacto parental. Estes dados, de certo modo, podem explicar os resultados encontrados relativos à perspetiva dos/as filhos/as, uma vez que algumas trabalhadoras por turnos mencionaram gerir o seu tempo em função dos/as filhos/as (e.g., “...*tento gerir o meu tempo da melhor forma possível tendo sempre em conta que os meus filhos são a minha prioridade...*”), combatendo assim possíveis efeitos negativos desta modalidade horária no relacionamento parento-filial. Outra possível explicação para estes dados traduz-se no apoio demonstrado pelos/as filhos/as em relação às trabalhadoras por turnos (e.g., “*Às vezes ela chega a casa muito cansada e eu dou um espaço para ela descansar... Eu preocupo-me com ela, mas também só quero que ela esteja bem, mesmo com a família, vida e trabalho.*”). Segundo Wilson (2007), a família consiste na principal rede de apoio destas trabalhadoras, sendo o ambiente familiar crucial para a moderação dos efeitos do trabalho por turnos e o suporte dos/as filhos/as fundamental para a adaptação a este regime horário.

Relativamente às questões complementares, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, sendo que, comparativamente às trabalhadoras diurnas e respetivos/as filhos/as, as trabalhadoras por turnos e os/as seus/suas filhos/as apontam mais frequentemente um contacto diário insuficiente e que outros horários de trabalho (e.g., horário normal, turno da manhã) iriam melhorar o envolvimento da mãe nas atividades diárias do/a filho/a. Assim, os resultados obtidos vão de encontro à literatura existente sobre os efeitos negativos do trabalho por turnos ao nível do envolvimento parental (e.g., Gonçalves et al., 2020; Pilarz et al., 2020).

Por fim, na questão relativa aos comentários, apenas as trabalhadoras por turnos e respetivos/as filhos/as percecionaram o horário da trabalhadora como potenciador de impactos negativos, nomeadamente ao nível da saúde e familiar. Com efeito, vários estudos (e.g., Bamonde et al., 2020; Silva et al., 2014) têm encontrado implicações negativas do trabalho por turnos para estes domínios.

Na interpretação destes resultados devem ser consideradas algumas limitações. Em primeiro lugar, a amostra é reduzida e, por conseguinte, compromete a generalização dos resultados obtidos. Em segundo lugar, o *design transversal* do estudo não permite a identificação de relações de causa e efeito. Ademais, a maioria das trabalhadoras por turnos pertencia ao setor hospitalar, não existindo heterogeneidade suficiente dos grupos profissionais em estudo. Para tentar controlar esta limitação, o estudo deverá ser alargado a outros setores de atividade que também estejam sujeitos a este regime horário. Outra limitação recai sobre a utilização de medidas de autorrelato, que podem influenciar as respostas dos participantes devido à deseabilidade social (Demetriou et al., 2015). Por último, os instrumentos utilizados não permitiram comparar a perspetiva das trabalhadoras com a perspetiva

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

dos/as filhos/as, que constituía um dos nossos objetivos iniciais, pelo que, em estudos futuros, seria desejável utilizar instrumentos que permitam realizar essa comparação.

Apesar das limitações indicadas, esta investigação contribui para a comunidade científica ao analisar o impacto dos horários de trabalho das mães no relacionamento com os/as filhos/as, juntando-se à escassa literatura sobre esta temática. Além disso, contrariamente à maioria dos estudos, que se basearam unicamente nos relatos dos/as trabalhadores/as, integramos a perspetiva dos/as filhos/as, permitindo aprofundar melhor o tema. Ainda em relação a estes/as, o foco do estudo foram os adolescentes, existindo uma compreensão limitada sobre o impacto do trabalho por turnos nesta faixa etária.

Além das sugestões já mencionadas, estudos futuros poderão: i) analisar o impacto dos horários de trabalho no relacionamento parento-filial em função do sexo do/a trabalhador/a e ii) analisar o impacto do trabalho por turnos no relacionamento parento-filial em função da flexibilidade dos horários.

Referências

- Agosti, M. T., Andersson, I., Ejlertsson, G., & Janlöv, A. C. (2015). Shift work to balance everyday life - a salutogenic nursing perspective in home help service in Sweden. *BMC Nursing, 14*(2), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s12912-014-0054-6>
- Baker, C. E. (2016). African American and Hispanic fathers' work characteristics and preschool children's cognitive development. *Journal of Family Issues, 37*(11), 1514-1534. <https://doi.org/10.1177/0192513X15576198>
- Baker, A., Ferguson, S., & Dawson, D. (2003). The perceived value of time: Controls versus shiftworkers. *Time & Society, 12*(1), 27-39.
- Bamonde, J., Pinto, C., Santos, P., & Couto, G. (2020). O Impacto do trabalho por turnos na saúde dos enfermeiros: Revisão integrativa. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde, 3*(2), 101-110. <https://doi.org/10.37914/riis.v3i2.85>
- Bardin, L. (2013). *Análise de conteúdo* (5ª ed.). Edições 70.
- Beckert, T. E., Strom, P. S., & Strom, R. D. (2007). Adolescent perception of mothers' parenting strengths and needs: A cross-cultural approach to curriculum development for parent education. *Adolescence, 42*(167), 487-500.
- Bolino, M. C., Kelemen, T. K., & Matthews, S. H. (2021). Working 9-to-5? A review of research on nonstandard work schedules. *Journal of Organizational Behavior, 42*(2), 188-211. <https://doi.org/10.1002/job.2440>
- Cano, T., Perales, F., & Baxter, J. (2019). A matter of time: Father involvement and child cognitive outcomes. *Journal of Marriage and Family, 81*(1), 164-184. <https://doi.org/10.1111/jomf.12532>
- Carneiro, L., & Silva, I. S. (2015). Trabalho por turnos e suporte do contexto organizacional: Um estudo num centro hospitalar. *International Journal on Working Conditions, 9*, 142-160.
- Carr, A. (2012). Goals of family therapy across the lifecycle. In A. Carr (Ed.), *Family Therapy: Concepts, Process and Practice* (3ª ed., pp. 3-53). Wiley-Blackwell.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2005). A relação entre o turno de trabalho do pai e o autoconceito do filho. *Psico, 36*(1), 29-35.

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

- Cia, F., Pamplin, R. C. D. O., & Williams, L. C. D. A. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em Estudo, 13*(2), 351-360. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200018>
- Claudino, J., Cordeiro, R., & Arriaga, M. (2006). Depressão e suporte social em adolescentes e jovens adultos. Um estudo realizado junto de adolescentes pré-universitários. *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health, 32*(11), 185-196.
- Costa, D., & Silva, I. S. (2019). Impactos na vida social e familiar do trabalho por turnos na perspectiva dos familiares. *Revista de Administração de Empresas, 59*(2), 108–120. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020190204>
- Costa, D., & Silva, I. S. (2022). Impacts of nonstandard work schedules on family and social life: The children's perspective. In P. M. Arezes, J. S. Baptista, P. Carneiro, J. C. Branco, N. Costa, J. Duarte, J. C. Guedes, R. B. Melo, A. S. Miguel, & G. Perestrelo (Eds.), *Occupational and Environmental Safety and Health III* (1ª ed., Vol. 406, pp. 579-589). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-89617-1_51
- Costa, G. (1997). The problem: Shiftwork. *Chronobiology International, 14*(2), 89-98. <https://doi.org/10.3109/07420529709001147>
- Costa, G. (2003). Shift work and occupational medicine: An overview. *Occupational Medicine, 53*(2), 83-88. <https://doi.org/10.1093/occmed/kqg045>
- Crouter, A. C., Bumpus, M. F., Maguire, M. C., & Mchale, S. M. (1999). Linking parents' work pressure and adolescents' well-being: Insights into dynamics in dual-earner families. *Developmental Psychology, 35*(6), 1453-1461. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.35.6.1453>
- Davis, K. D., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2006). Implications of shift work for parent-adolescent relationships in dual-earner families. *Family Relations, 55*(4), 450-460. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2006.00414.x>
- Deater-Deckard, K. (2005). Parenting stress and children's development: Introduction to the special issue. *Infant and Child Development, 14*(2), 111–115. <https://doi.org/10.1002/icd.383>
- Dekovic, M. D. (1999). Parent-adolescent conflict: Possible determinants and consequences. *International Journal of Behavioral Development, 23*(4), 977-1000.

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

- Demetriou, C., Ozer, B. U., & Essau, C. A. (2015). Self-report questionnaires. *The Encyclopedia of Clinical Psychology*, 1–6. <https://doi.org/10.1002/9781118625392.wbecp507>
- Eurofound. (2021). *EurWORK's database on wages, working time and collective disputes* [base de dados]. Disponível em <https://www.eurofound.europa.eu/pt>.
- Ferreira, V. (1999). Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52, 199-227.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. Sage Publications.
- Freire, T., & Ferreira, G. (2018). Health-related quality of life of adolescents: Relations with positive and negative psychological dimensions. *International Journal of Adolescence and Youth*, 23(1), 11–24. <https://doi.org/10.1080/02673843.2016.1262268>
- Galambos, N. L., Sears, H. A., Almeida, D. M., & Kolaric, G. C. (1995). Parents' work overload and problem behavior in young adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 5(2), 201–223. https://doi.org/10.1207/s15327795jra0502_3
- Gonçalves, S., Silva, I., & Veloso, A. (2020). Trabalho por turnos e vida familiar e social na perspetiva dos/as filhos/as. *Psicologia Em Estudo*, 25, 1–16. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.48999>
- Gracia, P., & Kalmijn, M. (2016). Parents' family time and work schedules: The split-shift schedule in Spain. *Journal of Marriage and Family*, 78(2), 401-415. <https://doi.org/10.1111/jomf.12270>
- Granic, I., Hollenstein, T., Dishion, T. J., & Patterson, G. R. (2003). Longitudinal analysis of flexibility and reorganization in early adolescence: A dynamic systems study of family interactions. *Developmental Psychology*, 39(3), 606–617. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.39.3.606>
- Grosswald, B. (2004). The effects of shift work on family satisfaction. *Families in Society*, 85(3), 413-423. <https://doi.org/10.1177/104438940408500320>
- Han, W. J., & Miller, D. P. (2009). Parental work schedules and adolescent depression. *Health Sociology Review*, 18(1), 36-49. <https://doi.org/10.5172/hesr.18.1.36>
- Han, W. J., & Waldfogel, J. (2007). Parental work schedules, family process, and early adolescents' risky behavior. *Children and Youth Services Review*, 29(1), 1249-1266. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2007.05.011>

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

- Handy, J. (2010). Maintaining family life under shiftwork schedules: A case study of a New Zealand petrochemical plant. *New Zealand Journal of Psychology, 39*(1), 29-37.
- Hook, J. L. (2012). Working on the weekend: Fathers' time with family in the United Kingdom. *Journal of Marriage and Family, 74*(4), 631-642. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2012.00986.x>
- Iskra-Golec, I., Smith, L., Wilczek-Ruzyczka, E., Siemiginowska, P., & Watroba, J. (2017). Shift schedule, work-family relationships, marital communication, job satisfaction and health among transport service shift workers. *International Journal of Occupational Medicine and Environmental Health, 30*(1), 121-131. <https://doi.org/10.13075/ijomeh.1896.00670>
- Kacmaz, R., & Serinkan, C. (2013). *Effects of shift working system on employees' family and social lives. International Conference on Economic and Social Studies, 10*, 1-14.
- Kim, M., Ali, S., & Kim, H. S. (2016). Parental nonstandard work schedules, parent-child communication, and adolescent substance use. *Journal of Family Issues, 37*(4), 466-493. <https://doi.org/10.1177/0192513X13518210>
- La Valle, I., Arthur, S., Millward, C., Scott, J., & Clayden, M. (2002). *Happy families? Atypical work and its influence on family life* (1^a ed.). Policy Press.
- Leibbrand, C. (2018). Flexibility or constraint? The implications of mothers' and fathers' nonstandard schedules for children's behavioral outcomes. *Journal of Family Issues, 39*(8), 2336-2365. <https://doi.org/10.1177/0192513X17748693>
- Lemmon, M., Patterson, S. E., & Martin, M. A. (2018). Mothers' time and relationship with their adolescent children: The intersecting influence of family structure and maternal labor force participation. *Journal of Family Issues, 39*(9), 2709-2731. <https://doi.org/10.1177/0192513X18756929>
- Li, J., Johnson, S. E., Han, W. J., Andrews, S., Kendall, G., Strazdins, L., & Dockery, A. (2014). Parents' nonstandard work schedules and child well-being: A critical review of the literature. *Journal of Primary Prevention, 35*, 53-73. <https://doi.org/10.1007/s10935-013-0318-z>
- Marques, D., Matos, A. P., & Pinheiro, M. R. (2014). Estudo da estrutura fatorial da versão mãe do IQRI para adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças, 15*(1), 234-244. <https://doi.org/10.15309/14psd150119>

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Psiquilíbrios Edições.
- Matos, A. P., Pinheiro, M. R., Costa, J. J., & Mota, A. (2016). *The factorial structure of the Quality of Relationships Inventory-Parents Perception (QRI-PP)*. *Future Academy*, 116-127. <https://doi.org/10.15405/epsbs.2016.07.02.10>
- Miller-Day, M., & Kam, J. A. (2010). More than just openness: Developing and validating a measure of targeted parent-child communication about alcohol. *Health Communication*, 25(4), 293-302. <https://doi.org/10.1080/10410231003698952>
- Molina, J. A. (2021). The work-family conflict: Evidence from the recent decade and lines of future research. *Journal of Family and Economic Issues*, 42(1), 4-10. <https://doi.org/10.1007/s10834-020-09700-0>
- Mott, P. E., Mann, F. C., McLoughlin, Q., & Warwick, D. P. (1965). *Shift work: The social, psychological and physical consequences*. The University of Michigan Press.
- Nakano, Y., Sugiura, M., Aoki, K., Hori, S., Oshima, M., Kitamura, T., & Furukawa, T. (2002). Japanese version of the Quality of Relationships Inventory: Its reliability and validity among women with recurrent spontaneous abortion. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 56, 527-532.
- Oláh, L. S., Kotowska, I. E., & Richter, R. (2018). The new roles of men and women and implications for families and societies. In G. Doblhammer & J. Gumà (Eds.), *A demographic perspective on gender, family and health in Europe* (pp. 41–64). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-72356-3_4
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Edições Sílabo.
- Pierce, G., Sarason, I., & Sarason, B. (1991). General and relationship-based perceptions of social support: Are two constructs better than one? *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(6), 1028-1039. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.6.1028>
- Pilarz, A. R., Cuesta, L., & Drazen, Y. (2020). Nonstandard work schedules and father involvement among resident and nonresident fathers. *Journal of Marriage and Family*, 82(2), 587–604. <https://doi.org/10.1111/jomf.12627>

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

- Portugal, A. P. M., & Alberto, I. M. M. (2014). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances En Psicologia Latinoamericana*, 32(1), 85–104. <https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.06>
- Prata, J., & Silva, I. S. (2013). Efeitos do trabalho em turnos na saúde e em dimensões do contexto social e organizacional: Um estudo na indústria eletrônica. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 13(2), 141-154.
- Presser, H. B. (2003). *Working in a 24/7 economy: Challenges for American families*. Russell Sage Foundation.
- Presser, H. B. (2007). Toward a 24-hour economy: Implications for the temporal structure and functioning of family life. In J. Véron, S. Pennec, & J. Légaré (Eds.), *Ages, generations and the social contract: The demographic challenges facing the welfare state* (pp. 325-342). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4020-5973-5_15
- Prickett, K. C. (2018). Nonstandard work schedules, family dynamics, and mother-child interactions during early childhood. *Journal of Family Issues*, 39(4), 985-1007. <https://doi.org/10.1177/0192513X16684893>
- Rapoport, B., & Le Bourdais, C. (2008). Parental time and working schedules. *Journal of Population Economics*, 21(4), 903–932. <https://doi.org/10.1007/s00148-007-0147-6>
- Renk, K., Roberts, R., Roddenberry, A., Luick, M., Hillhouse, S., Meehan, C., Oliveros, A., & Phares, V. (2003). Mothers, fathers, gender role, and time parents spend with their children. *Sex Roles*, 48(7), 305-315. <https://doi.org/10.1023/A:1022934412910>
- Rogers, S. J., & May, D. C. (2003). Spillover between marital quality and job satisfaction: Long-term patterns and gender differences. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 482-495.
- Root, L. S., & Wooten, L. P. (2008). Time out for family: Shift work, fathers, and sports. *Human Resource Management*, 47(3), 481-499. <https://doi.org/10.1002/hrm.20228>
- Roth, J., & Brooks-Gunn, J. (2000). What Do adolescents need for healthy development? Implications for youth policy. *Social Policy Report*, 14(1), 1-20. <https://doi.org/10.1002/j.2379-3988.2000.tb00012.x>

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

- Sarason, I.G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, *44*(1), 127-139. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.127>
- Sarason, B. R., Sarason, I. G., & Pierce, G. R. (1990). *Social support: An interactional view*. John Wiley & Sons.
- Silva, I. S. (2012). *As condições de trabalho no trabalho por turnos: Conceitos, efeitos e intervenções*. Climepsi Editores.
- Silva, I. S., & Bastos, R. (2018). Shift work – change from semi-continuous to continuous system. *Journal of Organizational Change Management*, *31*(7), 1461-1470. <https://doi.org/10.1108/JOCM-11-2017-0431>
- Silva, I. S., & Prata, J. (2015). Working schedules and human resource management: The case of shift work. In C. Machado & J. P. Davim (Eds.), *Human resource management challenges and changes* (pp. 65-93). Nova Science Publishers.
- Silva, I. S., Prata, J., & Ferreira, A. I. (2014). Horários de trabalho por turnos: Da avaliação dos efeitos às possibilidades de intervenção. *International Journal on Work Conditions*, *7*, 68-83.
- Sirgy, M. J., Lee, D. J., Park, S., Joshanloo, M., & Kim, M. (2020). Work–family spillover and subjective well-being: The moderating role of coping strategies. *Journal of Happiness Studies*, *21*, 2909-2929. <https://doi.org/10.1007/s10902-019-00205-8>
- Sizane, N. F., & Van Rensburg, E. (2011). Night shift working mothers: Mutual perceptions with adolescent children. *Journal of Psychology in Africa*, *21*(1), 71-78. <https://doi.org/10.1080/14330237.2011.10820431>
- Strazdins, L., Clements, M. S., Korda, R. J., Broom, D. H., & D'Souza, R. M. (2006). Unsociable work? Nonstandard work schedules, family relationships, and children's well-being. *Journal of Marriage and Family*, *68*(2), 394-410. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2006.00260.x>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5th Ed.). Allyn and Bacon.
- Tai, S. Y., Lin, P. C., Chen, Y. M., Hung, H. C., Pan, C. H., Pan, S. M., Lee, C. Y., Huang, C. T., & Wu, M. T. (2014). Effects of marital status and shift work on family function among registered nurses. *Industrial Health*, *52*(4), 296-303. <https://doi.org/10.2486/indhealth.2014-0009>

HORÁRIOS DE TRABALHO E RELACIONAMENTO MÃE-FILHO/A

- West, S., Mapedzahama, V., Ahern, M., & Rudge, T. (2012). Rethinking shiftwork: Mid-life nurses making it work! *Nursing Inquiry*, *19*(2), 177-187. <https://doi.org/10.1111/j.1440-1800.2011.00552.x>
- Wight, V. R., Raley, S. B., & Bianchi, S. M. (2008). Time for children, one's spouse and oneself among parents who work nonstandard hours. *Social Forces*, *87*(1), 243-271. <https://doi.org/10.1353/sof.0.0092>
- Wilson, M. G., Polzer-Debruyne, A., Chen, S., & Fernandes, S. (2007). Shift work interventions for reduced work-family conflict. *Employee Relations*, *29*(2), 162-177. <https://doi.org/10.1108/01425450710719996>
- Winkler, M. R., Mason, S., Laska, M. N., Christoph, M. J., & Neumark-Sztainer, D. (2018). Does non-standard work mean non-standard health? Exploring links between non-standard work schedules, health behavior, and well-being. *SSM - Population Health*, *4*, 135-143. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2017.12.003>
- Wöhrmann, A. M., Müller, G., & Ewert, K. (2020). Shift work and work-family conflict: A systematic review. *Sozialpolitik.Ch*, *3*, 1-26. <https://doi.org/10.18753/2297-8224-165>

Anexos

Anexo A – Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas



Universidade do Minho
Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 043/2022

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *O impacto dos horários de trabalho das mães no relacionamento com os(as) filhos(as): Perspetivas mútuas*

Equipa de Investigação: Joana Filipa Lopes Lagarteira (IR), Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Professora Doutora Isabel Soares da Silva (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *O impacto dos horários de trabalho das mães no relacionamento com os(as) filhos(as): Perspetivas mútuas*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 28 de abril de 2022.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto